OS ASPECTOS IRRACIONAIS DO SAGRADO EM RUDOLF OTTO

Edson Kretle dos Santos[*]

Resumo

Para Rudolf Otto, geralmente, na religião, a noção do sagrado já aparece esquematizada em conceitos racionais como santo ou divino. Mas vale ressaltar que essas características são apenas atributos de algo que é própria e originalmente irracional. A experiência do sagrado por estar situada no âmbito do sentir passa a ser compreendida, constituída e caracterizada pelo atributo irracional, uma vez que a vivência da religião possui a peculiaridade do mistério, enigma esse, que jamais poderá ser abarcado pela razão. Nessa comunicação, faremos a descrição do aspecto irracional que, na visão ottoniana, consiste na gênese de toda religião.

Comumente, por irracional compreendemos o que se opõe à razão, o que não raciocina ou os desejos e pulsões da vontade individual. Otto utiliza desse conceito para demonstrar quando "usamos aquele linguajar presente, por exemplo, ao se dizer de um evento um tanto singular, que por sua profundidade foge à interpretação inteligente" (OTTO, 2007, p. 97). Por isso, ao tratar de uma experiência relacionada ao sagrado, por mais que aventuramos conceituá-la ou formulá-la com plena clareza, essa empreitada é esforço em vão. Isso, pois a experiência religiosa sempre possuirá algo de abstruso, indizível, inefável para a inteligência humana. Portanto, jamais poderíamos afirmar que a complexidade deste evento se tornaria evidente pelas luzes do raciocínio filosófico ou teológico. Portanto, o filósofo e teólogo alemão, não deseja usar o conceito irracional compreendendo-o como algo que fosse contrário à razão. Pois, o próprio Otto, embora teça críticas ao racionalismo, ele próprio também utiliza de meios racionais para elaborar sua teoria filosófica sobre a experiência que os homens fazem do divino.

[*]Mestre em Filosofia pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Professor de Filosofia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Espírito Santo (IFES) – Campus Venda Nova do Imigrante. email:edson.santos@ifes.edu.br.

Compreendemos que a obra de Rudolf Otto é uma tentativa de resgate dos aspectos irracionais do sagrado. A experiência do numinoso não se enquadra nas lógicas da razão, porém, isso não significa que a religião e o sagrado sejam assuntos dos quais nada se possa elucidar. No modo de pensar de Otto, a religião não se restringe apenas ao âmbito das explicitações filosóficas e teológicas, como pretendeu o Iluminismo quando abordou o tema da religião. Para o autor, a melhor maneira de termos um acesso à experiência humana do divino, consiste na profundidade do sentimento e é sobre eles que Otto se preocupa em descrever. Portanto, o aspecto irracional do sagrado é o protofundamento da experiência do sagrado e sem esta noção, a ideia de Deus tornar-se-ia apenas um postulado metafísico semelhante ao "Deus frio e distante" dos filósofos deístas. Nessa imagem de Deus não existe espaço para a religião, uma vez que o crente não concebe a divindade como força, impulso, ânimo, esperança, consolo e outros tantos sentimentos oriundos da experiência religiosa. Com isso, pretendemos mostrar que o elemento irracional preserva a mística e o sentimento religioso.

Palavras-chave: Sagrado. Irracional. Sentimento. Religião.

Introdução

O ponto crucial da carreira acadêmica de Otto é 1917, ano em que acontece a publicação de seu mais célebre livro: *O Sagrado* (*Das Heilige)*, que recebe destaque entre os clássicos da filosofia da religião e é considerado um dos marcos do novo pensamento alemão. Ao analisar esta obra, Davidson (1947, p.2) assegura que de fato, poucos livros tiveram tão grande e imediato impacto sobre as religiões mundiais como o maior trabalho de Otto, *A Ideia de Sagrado*. Nesse período pós Primeira Guerra Mundial, Otto apresenta-se entre aqueles pensadores que não se adaptam à potencialização econômica. Muito pelo contrário, ele detecta uma década de desilusão que se seguiu ao fim desta guerra. O expressionismo, termo que surge nas Artes, representa o sentimento de que todo o desenvolvimento econômico não significa um autêntico progresso do espírito humano. E essa crítica ao progresso de cunho positivista é explícita nos escritos de Otto, isso, pois ele já não reconhece a força da razão iluminista, mas admite que os tempos são de decadência e não de ascensão do espírito humano. Nesse contexto, aparece também a consciência dos limites das interpretações do Iluminismo no que se refere ao tema da religião e do sagrado.

Segundo Otto, um dos principais equívocos da religião ocorre quando se faz uma investigação unilateral, onde somente a razão encarrega-se de analisar e compreender o sagrado. A pretensão da razão é corroborar uma explicitação total sobre Deus, em que "o aspecto racional ocupa o primeiro plano, muitas vezes parecendo ser tudo" (OTTO, 2007, p. 34). Pensava-se que quanto mais unívocos e claros os conceitos sobre Deus melhor se tornaria a linguagem, a compreensão e o acesso humano ao mesmo. Para ele, assim, a própria ortodoxia não conseguiu o que a princípio pretendia, e com o mesmo objetivo de salvar o corpo canônico dos ataques dos hereges e inimigos religiosos, fez, pelo contrário, com que a experiência religiosa do sujeito tornasse mais fria. As ideias ou noções racionais que temos de Deus são os pontos iniciais para o conhecimento da religião e são utilizados para a transmissão catequética, mas esses elementos racionais jamais esgotam a essência do numinoso. O dogmatismo e a ortodoxia são exemplos evidentes desse modo histórico de pensar que predomina até nossos dias. Tanto o dogmatismo como a ortodoxia são tentativas de racionalização da religião, pois, com a meta de salvaguardar ou proteger o ensinamento doutrinário, fez da ideia de Deus algo tão racionalizado que podemos afirmar que

> ao formular doutrina a ortodoxia não soube fazer justiça ao elemento irracional do seu objeto e mantê-lo vivo na experiência religiosa, racionalizando unilateralmente a ideia de Deus, numa evidente apercepção errônea dessa experiência (OTTO, 2007, p.35).

Vale lembrar que os elementos racionais são a parte periférica da experiência religiosa; então, a tarefa da religião não consiste em proporcionar uma conceituação de Deus, logo, um acesso somente racional da religião é impossível. Os aspectos irracionais que possibilitam ao humano experimentar o sobrenatural em sua existência terrena são os mais profundos mistérios que caracterizam a religião. Mas para os racionalistas e moralistas todas essas coisas não passam de "envoltório mítico" que precisa ser esclarecido e descartado. Para Otto, a própria dogmática cristã conduziu os fiéis do âmbito misterioso-numinoso para o racional-ético, enfatizando os conceitos morais.

Marcado por esse tempo, Otto assume uma postura crítica em relação à razão tão enaltecida na "Era das Luzes". É tempo de rompimento, de desligamento com a forma antiga de pensar e, concomitantemente, de um desejo, de uma procura e da consciência da necessidade de se propor algo novo no âmbito da filosofia da religião. O termo alemão *Aufbruch* pode ser traduzido como partida, despertar, ressurgimento, cujo conceito expressa o momento pelo qual passa a cultura alemã e nosso autor. Consequentemente, agora o enfoque

não é mais a razão, mas, sim, um contexto marcado pelo irracional, conceito esse que será explicitado no desenvolvimento desta comunicação.

1. O conceito irracional em Rudolf Otto

Então, qual termo melhor traduz o conceito de Otto? Será o não-racional ou o irracional? Temos consciência das diferentes e possíveis traduções. Prócoro Velasques Filho (1985), tradutor de *O Sagrado,* prefere utilizar o termo não-racional ao invés de irracional (*Das Irrational*). Entretanto, encontramos no glossário da tradução de Walter O. Schlupp (2007) o motivo pelo qual aderimos ao termo irracional, pois, para Schlupp,

> o uso exclusivo de *non-rational*, "não-racional", na versão inglesa, parece-nos uma interpretação eufêmica, atenuante e racionalizante, que não faz justiça a caracterizações dadas ao irracional do numinoso. Usamos não-racional apenas ocasionalmente (SCHLUPP. In: OTTO, 2007, p. 27).

Deste modo, justificamos nossa opção pelo uso do termo irracional.

Em toda a obra *O sagrado,* Otto visa a esclarecer o que ele próprio compreende sobre o termo irracional. Especificamente no capítulo 10 dessa obra, o autor deixa ainda mais explícita sua busca em elucidar os aspectos irracionais na ideia do sagrado. No tempo do autor, como também em nossos dias, busca-se o irracional em muitas áreas. Para Otto, quem utiliza esse termo e não esclarece o que deseja dizer com o mesmo provoca grandes confusões no leitor, uma vez que tal conceito pode adquirir vários possíveis sentidos.

Diante do sentimento que emerge na presença do numinoso, mesmo com toda a dedicação e esforço racional, compreendê-lo e explicá-lo são empreitadas em vão. Surge, assim, a consciência da inefabilidade do *numen,* e por tal motivo, Otto salienta que, "mesmo a maior concentração não fará com que o objeto e a forma de atuação do objeto beatífico passem da obscuridade do sentimento para o âmbito da compreensão inteligente" (OTTO, 2007, p. 98). Vale ressaltar mais uma vez, que Otto não assume uma postura de rejeição ou de oposição da razão, ele apenas ambiciona apontar que existem alguns limites estruturais na razão humana e que a arrogância moderna e iluminista almejaram uma explicação e um acesso somente racional ao divino. É justamente corrigindo a pretensão supracitada, que ele sugere algumas alternativas no modo de abordar o sagrado. Por isso, o irracionalismo não é no mesmo sentido das muitas filosofias contemporâneas que se autointitulam irracionalistas e que propõem uma desconstrução da racionalidade ocidental. Muito pelo contrário, o pensador coloca em destaque que a realidade numinosa não é acessível racionalmente, mas pela via do

sentir (*Das Gefühl*). O autor também nos recorda que nisso, até os profetas e mestres judeus insistiam, uma vez ou outra, no caráter indeterminado de Javé.

A essência da religião assenta-se no elemento e numa experiência irracional. O principal objetivo de Otto é mostrar que a cerne da religião é composta de algo racional e, também, do elemento irracional na ideia de sagrado, sendo que este evidencia que o sagrado não poderá ser esclarecido de forma plena pelos atributos que lhe são dados racionalmente. Nosso autor, lembra que esse é um fator que os racionalistas geralmente esquecem é que esses elementos racionais são a parte periférica da experiência religiosa; então, a tarefa da filosofia da religião e da teologia, não se resumem em proporcionar uma conceituação total do sagrado.

Vale ressaltar que os aspectos irracionais do sagrado serão esquematizados por conceitos racionais. O interessante é que o elemento *mysterium* resiste à esquematização e mantém vivo o componente irracional da religião, impedindo-a de se transformar num racionalismo exacerbado. Otto mostra que, no decorrer da história das religiões, emergiu um excesso de dogmatismo e racionalização, e isso desembocou na preponderância do elemento racional sobre o irracional. Até linguisticamente, o mistério está sempre associado com a característica de algo tremendo, arrepiante.

Otto compreende que o mistério é a base originária da experiência humana do divino porque, para ele, “a superioridade de uma religião não consiste na eliminação do numinoso, mas no seu reconhecimento como elemento fundamental” (BIRCK,1993, p. 37). Para alguns pensadores iluministas e posteriormente, os positivistas, aquilo que não pode ser enquadrado e totalmente explicado em conceitos claros não é digno de supormos sua existência, logo, o mistério não é um problema do qual deve se encarregar a investigação filosófica. Porém, contrário a este tipo de pensar citado acima, podemos destacar um dos pensamentos de Pascal que vai ao encontro da característica misteriosa adotada por Otto. Segundo o filósofo francês, “nem tudo o que é incompreensível deixa de existir” (PASCAL, 1957, 153).

Um acesso somente racional da religião é impossível. Isso, pois os elementos misteriosos que possibilitam ao humano experimentar algo de sobrenatural em sua existência são os mais profundos mistérios que caracterizam a religião. Mas para muitos filósofos e teólogos, todas essas coisas não passam de um “envoltório mítico" que precisa ser esclarecido e descartado para acontecer o progresso do espírito humano. Para Otto, a própria dogmática cristã conduziu os fiéis do âmbito misterioso-numinoso para o racional-ético, enfatizando em

demasia os conceitos morais oriundos da experiência do divino. Portanto, pretendemos seguir e reforçar nosso argumento inicial, a saber, o mesmo caminho que nos indica Otto e, por isso, "buscamos o aspecto irracional na ideia do divino" (OTTO, 2007, p. 97).

Otto procura na experiência religiosa sua particularidade irracional como sendo esse elemento basilar da religião. A tentativa é encontrar, para a filosofia da religião e para a teologia do início do século XX, esse lado irracional da religião que fora esquecido devido à grande racionalização que teve início na modernidade. Por isso, é preciso admitir que "o totalmente outro" é incompreensível para as categorias da razão humana e isso faz com que além de ultrapassá-las,

> Ele ocasionalmente parece contrapor-se a elas, anulá-las e confundi-las. Então deixa de ser apenas incompreensível e chega a ser paradoxal; encontra-se então não apenas acima de toda e qualquer razão, mas parece "contrariar a razão" (OTTO, 2007, p. 62).

Otto enfatiza que esse lado irracional do sagrado é algo que os místicos vivenciam diante de um objeto não cognoscível, não lógico, mas que, experimentado pelo indivíduo, faz com que o mesmo sinta algo que, por natureza, é primordialmente algo espantoso ou o "Totalmente Outro". Nesse sentido, emana a consciência de que o sagrado não faz parte da habitual noção de ciência experimental de cunho positivista que imperou durante séculos nos discursos e nas argumentações filosóficas e teológicas do ocidente, nos quais o divino é identificado pelas formulações e linguagens apreciativas que dele fazemos. Faz-se necessário reconhecer que todos estes conceitos racionais sobre o divino são insuficientes e que a linguagem religiosa consiste em símbolos e imagens, uma vez que o sagrado está para além de todo nome que lhe é atribuído racionalmente. Otto, usando os versos do místico alemão Tersteegen, esclarece e insiste que "um deus compreendido não é um Deus" (OTTO, 2007, 23).

As questões racionais consistem num fator posterior à experiência do numinoso. A religião precisa, evidentemente, de características racionais, mas a tentativa do autor é mostrar que a religião não se esgota em enunciados somente lógicos e, por isso, Otto elabora sua obra com o desejo de apontar o risco de uma racionalização indevida da doutrina e da prática litúrgica, pois "quando essas rajadas balbuciantes de sentimento cairem mãos de dogmáticos e sofistas, eles surgem de tais monstruosidades que cortam o fôlego de qualquer religião" (OTTO,2007, p.37). E continua Otto, "eu não desejo, deste modo, promover alguma tendência

de nosso tempo diante de um extravagante e fantástico 'irracionalismo', mas participar dele sem sua forma mórbida" (OTTO, 1958, p.30).

2. Os aspectos *tremendum*, avassalador, enérgico, e o fascinante como características irracionais do sagrado

Para Otto, os aspectos irracionais na ideia de sagrado são: as características *tremendum*, o avassalador, o enérgico, o *mysterium* e, por fim, a particularidade fascinante. Esses predicados do divino serão descritos a seguir.

2.1 Aspecto t*remendum*

O sentimento de temor *(Weltangst)* é muito conhecido por nós como medo de algo que já conhecemos. Por exemplo: tememos a força devastadora de um tornado, a impetuosidade de uma tempestade, a possibilidade de um assalto a qualquer momento e assim por diante. Em todos esses casos, já conhecemos as possíveis destruições que estes fatos podem ter como resultados. Trata-se de um sentimento natural que todo ser humano um dia experimentou ou experimentará ao longo de sua existência. Porém, quando usamos esse termo relacionado ao sagrado pretende-se dizer que;

> é uma designação bastante próxima daquilo a que queremos nos referir, mas que não passa de uma analogia para uma reação emocional muito específica que se assemelha ao temor e permite que este dê uma pista dele, mas a reação em si é algo bem diferente de temer (OTTO, 2007, p. 45).

Esse temor é, então, mais que um simples temor e designa uma característica peculiar do numinoso que não pode ser confundida com os outros tipos de receios naturais. Para ressaltar essa distinção, Otto resgata o termo hebraico *hiq'dish* que significa santificar algo em seu coração. Essa peculiaridade pode ser, de fato, comprovada quando nos deparamos com alguns textos do Antigo Testamento e deles extraímos várias expressões que nos remetem ao tipo específico de sentimento de temor *(Das Grauen)* de que nos fala o autor. Em todas essas passagens, podemos concluir que se trata de um temor impregnado de um assombro que nenhuma criatura, nem a mais ameaçadora e poderosa, pode incutir. Esse acontecimento somente é despertado por algo que consideramos como sendo sobrenatural e, por isso, tal evento "tem algo de "fantasmagórico" (OTTO, 2007, p.46).

Trata-se de um receio religioso *(religiöse Scheu)* que, em seu estágio mais primitivo, situa-se no nível do pânico demoníaco. Segundo o autor, foi justamente esse receio misterioso que fez insurgir na alma humana e que desencadeou todo o desenvolvimento histórico das

religiões. Mas, para Otto, não é do medo natural e do temor que a religião aparece, pois, esse temor "não é medo comum, natural, mas já é a primeira excitação e pressentimento do misterioso, ainda que inicialmente na forma bruta do 'inquietamente misterioso'" (OTTO, 2007, p. 47). Podemos resumir o aspecto *tremendum* como um ideograma que representa uma inacessibilidade absoluta, confirmando que, "de fato, Tu és o Deus escondido" (Is 45, 15).

2.2 O aspecto avassalador (*majestas*)

Para esclarecer sobre essa peculiaridade do divino, Otto usa por analogia o termo *majestas*. O autor, explica que quando aplicamos esse termo para pessoas, estamos cometendo uma blasfêmia. O aspecto *majestas* geralmente aparece quando a característica anterior (*tremendum)* não ocupa mais o primeiro plano. Como reflexo subjetivo, surge no humano uma sensação de ser nada em frente a algo cujas características lhe são totalmente estranhas. E, com isso, evidenciamos

> a valorização do objeto transcendente da relação como sendo absolutamente superior, por sua plenitude do ser, frente ao qual o si-mesmo se sente como um nada. "Eu nada, Tu tudo" (OTTO,2007, p. 53).

Vale lembrar que o *numen* não se esgota no elemento *tremendum*, pois nessa característica o sagrado é sentido como força e poder. Já no aspecto *majestas*, o numinoso faz surgir no humano o sentimento de ser criatura *(Geschöplichkeit)*. Assim sendo, isso aponta que esse "sentimento de aniquilamento, de nada ser, é uma depreciação que somente surge como correlato do objeto transcendente absolutamente superior" (BIRCK,1993, p.38).

Basta recordarmos algumas narrativas bíblicas nas quais presenciamos que o numinoso nunca é visto pelo ser humano de modo nítido e objetivo. Javé está sempre envolto em algum objeto que limita a visão humana de ver a face de Deus. Vejamos determinados exemplos que asseguram nossas afirmações: quando o rei Salomão concluiu a construção do templo, Deus desceu e habitou naquele recinto, e até mesmo os sacerdotes ficaram impossibilitados de continuar o serviço devido a uma nuvem escura que pairava no interior do templo (1º Reis 8, 11-12); também nos deparamos com a aparição de Deus a Moisés no alto da montanha repleta de trevas (Ex 19,9); no livro de Jô, igualmente presenciamos que Deus se faz presente em meio a um ar de tenebrosidade (Jó 38,1; 40,6). Com esses exemplos citados não desejamos esgotar os outros numerosos que existem nas escrituras, mas resta-nos notar que, em todas as vezes em que Deus se fez muito próximo do ser humano, Ele sempre o fazia

sob trevas, e nisso notamos a característica de complexidade que porta a experiência do divino.

2.3 O aspecto enérgico

Após os aspectos *tremendum* e *majestas*, temos um terceiro elemento que Otto denominou de energia do *numen*. Para elucidar esse momento, podemos usar analogicamente expressões como paixão, excitação, êxtase, impulso, vivacidade, vontade, etc. Por isso, esse momento "ao ser experimentado, aciona a psique da pessoa, nela desperta o zelo *(eifer),* ela é tomada de assombrosa tensão e dinamismo: na prática ascética, no empenho contra o mundo e a carne, na excitação a eclodir em atuação heroica" (BIRCK, 1993, p. 51).

Segundo Otto, essas características compõem o lado irracional da ideia de Deus, que para ele é o mais forte motivo para combater o "Deus dos filósofos" qual é fruto de especulações racionais. Para Otto, quando usamos tais atributos para o ser divino, imediatamente somos condenados por alguns filósofos por antropomorfismo, erro que o filósofo pré-socrático Xenófanes, havia alertado muitos séculos atrás. Nesse sentido, Otto ressalta e também reconhece que todas essas analogias não pretendem reduzir e aprisionar o sagrado dentro delas mesmas. Elas servem, apenas, para dizer alguma coisa diante daquilo que, por excelência, é inexprimível.

2.4 O aspecto fascinante

Entretanto, apenas o receio e o pavor não possibilitam sentimentos de dedicação positiva dirigida para o *numinoso*. Baseado apenas no terror oriundo do aspecto *tremendum,* a religião se resumiria em súplicas por proteção, de expiações dos pecados, reconciliação e afastamento da ira divina. Anteriormente descrevemos os aspectos irracionais do divino no âmbito daquilo que faz o ser humano sentir-se pequeno, pois o sagrado possui esse elemento distanciador como uma característica principal do tremendo, e, assim sendo, ali onde está a reverência também está o temor (PLATÃO, 1999).

Porém, será que somente existe esse lado aterrorizante no objeto numinoso? Otto desenvolve essa questão e mostra os aspectos fascinantes que, igualmente, possui o sagrado. Segundo Birck, Otto pretende mostrar "o elemento fascinante atrai e o tremendo repulsa. Quer dizer, por um lado um elemento que ativa e fascina, e, por outro, um elemento repulsivo, o tremendo. É o duplo caráter do numinoso" (BIRCK, 1993, p.50). Nesse sentido, Otto conclui

que "o que me apavora me atrai" (OTTO, 2007, p. 68). Logo, o sagrado é algo atraente, cativante e isso forma uma harmonia de contraste com o elemento distanciador do *tremendum*. O divino manifesta-se e se constitui como mistério: de um lado, ele é mistério tremendo; de outro, é mistério fascinante. Essas são categorias paradoxais que formam uma harmonia de contrastes, uma vez que o sujeito religioso se encontra diante de um terror e, ao mesmo tempo, com um sentimento de fascínio.

Para Otto, em toda a história das religiões verificamos essa harmonia de contrastes (*Kontrast-harmonie*) presentes na experiência humana do divino. Sendo assim, o que o divino tem de assombroso e terrível para nossa psique, ele tem de sedutor e encantador. Esse mistério fascinante é algo atraente, que chega a nos conduzir a delírios e inebriamentos, formando aquilo que Otto denomina de "elemento dionisíaco entre os efeitos do *numen*" (OTTO, 2007, p.67). Transferindo esses conceitos irracionais para o campo dos conceitos racionais, podemos usar palavras como amor, misericórdia e bondade, entre outras. Tais palavras esquematizam nossas noções sobre o divino, sendo que esses aspectos naturais são sempre extraídos da experiência psíquica; a diferença é que, quando remetidos ao sagrado, esses termos são concebidos de forma absoluta.

Os termos supracitados são de extrema importância para transmitir em conceitos esses aspectos da experiência religiosa, entretanto, eles de forma alguma a esgotam a essência divina. Otto, ressalta que, ao usarmos conceitos como a ira tal palavra não esgota a intensidade do elemento arrepiante, da mesma forma que a atitude misericordiosa também não exaure a peculiaridade beatífica que contém a experiência do divino, visto que nela habita sempre algo mais que isto. Disso emerge a consciência dos limites da linguagem humana e também a clareza de que essa experiência é sempre de algo além de nossas forças e longe de nossa compreensão. Surge no mundo normal e abre-se para um mundo que está além de nós. É sempre uma experiência de "ir além" de nossas categorias normais.

Portanto, somente o receio não dá conta de explicitar o desejo que habita no ser humano de ser possuído pelo numinoso. E presenciamos essa tentativa naqueles curiosos atos, ritos e métodos sacramentais de comunhão (com o transcendente) pelos quais o sujeito crente busca tomar posse do *numen*, e isso é feito quando "por muitos procedimentos e criativas intermediações, a pessoa religiosa procura apossar-se do misterioso em si, encher-se dele, inclusive identificar-se com ele" (OTTO, 2007, p. 70). E, com isso, podemos afirmar que aí se dá o início da vida religiosa. Portanto, detectamos que, no elemento fascinante,

> o mistério é vivenciado em seu elemento positivamente real e na sua qualidade intrínseca, a saber, como algo extremamente beatífico, a ponto de não se poder declarar nem expressar essa beatitude por meio de conceitos, mas apenas experimentá-lo [...]. E só por imagens e analogias é que o enlevo beatífico dá uma remota, precária e confusa noção do que ele é (OTTO, 2007, p. 70).

Nesse sentido, Otto cita o hino[1] de Ernst Lange, pois ao ler tais versos percebemos que a qualidade positiva do numinoso não depende das condições de expressá-lo pelas lógicas da racionalidade, mas "ele pode ser apreendido intensivamente, plenamente "entendido", profundamente apreciado exclusivamente com, em e a partir do sentimento em si" (OTTO, 2007, p.70).

3. Conclusão

Nessa comunicação, almejamos defender que a obra de Rudolf Otto é uma tentativa de resgate dos aspectos irracionais do sagrado. Vimos que no cerne da experiência religiosa, geralmente a noção do sagrado já aparece esquematizada em conceitos racionais como santo ou divino. Porém, vale ressaltar que essas características são apenas atributos de algo que é próprio e originariamente irracional. Assim o divino e a vivência do numinoso não se enquadram nas lógicas da razão, porém, isso não significa que a religião e o sagrado sejam assuntos dos quais nada se possa elucidar. No modo de pensar de Otto, a religião não se restringe apenas ao âmbito das explicitações filosóficas e teológicas, como pretendeu o Iluminismo. Para o autor, a melhor maneira de termos um acesso à experiência que os humanos fazem de Deus, consiste na profundidade do sentimento e é sobre eles que Otto se preocupa em descrever.

O aspecto irracional do sagrado é o protofundamento da experiência do divino e sem esta a ideia de Deus tornar-se-ia apenas um postulado metafísico semelhante ao "Deus frio e distante" dos filósofos deístas. Nessa imagem de Deus não existem espaços para o sentimento religioso, uma vez que o crente não o concebe como força, impulso, ânimo, esperança, consolo e outros tantas emoções oriundas da relação do ser humano com o divino. Com isso, detecta-se que o elemento irracional preserva a mística e o sentimento religioso. O numinoso pode ser conceituado como aquilo que ultrapassa os limites da capacidade de compreensão por se tratar de algo que transcende nosso entendimento.

[1] "Ó Deus, profundeza sem fundo,/Como poderei conhecer-Te o bastante,/Tu grandes alturas, como há minha boca/De designar-Te pelas qualidades./ És um oceano incompreensível:/Submerjo em Tua misericórdia./ Meu coração está vazio de sabedoria autêntica, / Abraça-me com os Teus braços./Eu bem que gostaria de imaginar-te/ E apresentar-Te aos outros./ Mas dou-me conta da minha deficiência./Como tudo que és/ Não tem fim nem começo,/Fico privado de todos os sentidos"(LANGE, E; apud, BARTELS; apud, OTTO, 2007, p.71).

O mistério somente é mistério porque nele o ser humano depara-se com o "totalmente outro". Vale ressaltar que o irracional não deve ser identificado como desconhecido ou plenamente obscuro para o homem, pois, se fosse assim, Deus nada teria de proximidade conosco e jamais poderíamos dizer alguma coisa sobre Ele. Esse fator é incompreensível para a razão, mas pode ser vivenciado por meio de sentimentos.

Frente ao numinoso, algo de infinita grandeza comparado ao ser humano, sentimos um assombro, pois "Deus está presente. Tudo em nós se cale. E, devotos, nos prostremos" (OTTO, 2007, p. 49). Está explícito que a divindade em seu elemento irracional, é um valor *sui generis,* ou seja, é algo que não se deriva de outros tipos de categorias. Assim, o valor religioso é portador de uma peculiaridade, deste modo, irredutível. O sagrado não deve ser compreendido somente nas especulações racionalizantes, mas como algo que desperta um estado d'alma. Como nos diz Otto, "como ele é irracional, ou seja, não pode ser explicitado em conceitos, somente poderá ser indicado pela reação especial de sentimento desencadeado na psique" (OTTO, 2007, p. 44). Concluímos que, embora a abordagem racional da religião tenha grandes contribuições, equivocamos quando reduzimos o sagrado somente como resultado das reflexões filosóficas e teológicas. O divino emerge originalmente com seu lado irracional, e justamente essa irracionalidade caracteriza a vivencia que temos diante da divindade.

Referências

ALLES, Gregory. Toward a genealogy of the holy: Rudolf Otto and the apologetics of religion. *Journal of the American Academy of Religion*. Atalanta. Vol. 69. n. 2. Jun. 2001, p. (323-341), Junho. 2001.

BIRCK, Bruno Odélio. *O Sagrado em Rudolf Otto*. Porto Alegre: Edipucrs,1993.

DAVIDSON, F. Robert. *Rudolf Otto´s interpretation of religion.* London: Geoffrey Cumberlege; Oxford University Press; Princeton University Press, 1947.

OTTO, Rudolf. *O sagrado***.** Traduzido por Walter O.Schulupp. São Leopoldo: Sinodal/ EST; Petrópolis: Vozes, 2007.

_____. *O sagrado*: um estudo do elemento não-racional na ideia do divino e a sua relação com o racional (Das Heilige). Tradução de Prócoro Velasques Filho. São Bernardo do Campo: Imprensa Metodista/ ciências da Religião, 1985.

_____.*The idea of the Holy***.** An Inquiry into non-rational factor in the ideia of the divine and its relation to the rational. 2 ed. Oxford. University Press, New York, 1958.

_____.*Ensayos sobre lo numinoso***.** Madrid: Trota, 2009.

_____. *Mystique d'orient et mystique d'occident:* distinction et unité. Paris: Payot, 1951.

_____.*Naturalism and religion.* New York: G. P. Putnam's Sons, 1913.

_____. *Religious essays:* a supplement to 'The Idea of the Holy'. London: Oxford University Press, 1931.

PASCAL, Blaise. *Pensamentos.* São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1957.

PLATÃO. *Eutífron.* São Paulo: Nova Cultural, 1999. (Coleção Os Pensadores)